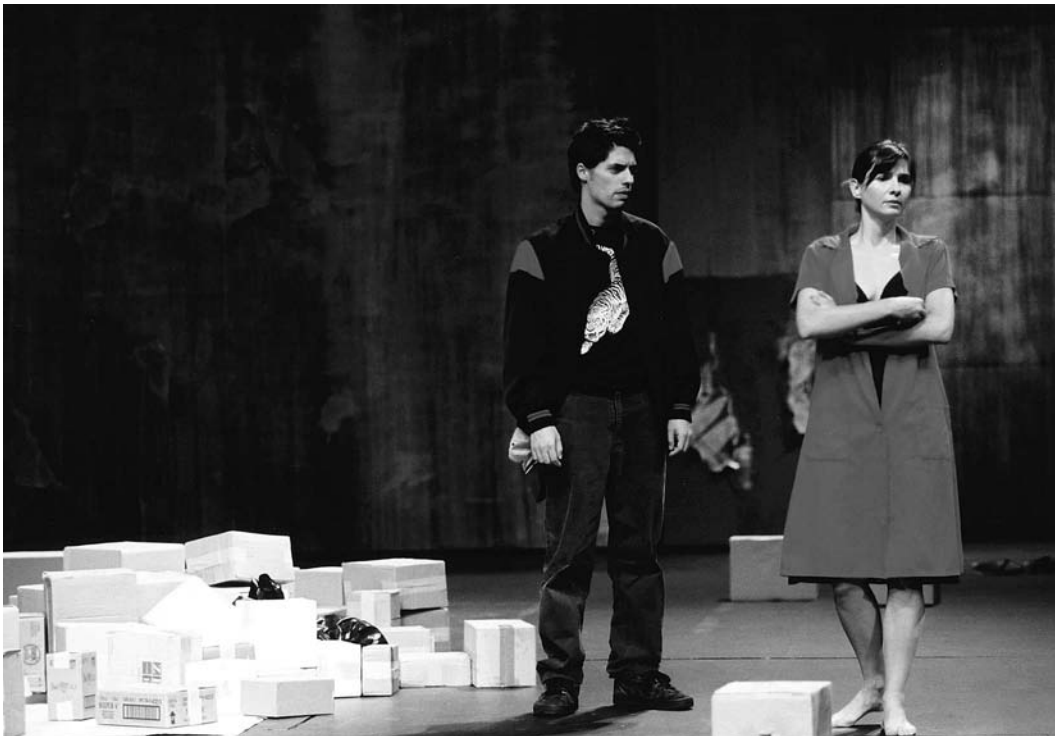


# Filhos-da-mãe domesticados

Ana Vaz Fernandes



<  
*Os animais domésticos*,  
 de Letizia Russo,  
 enc. Jorge Silva Melo,  
 Artistas Unidos, 2005  
 (Gonçalo Waddington  
 e Sylvie Rocha),  
 fot. Jorge Gonçalves.

*Título: Os animais domésticos. Autor: Letizia Russo. Versão portuguesa: Letizia Russo, José Lima e Jorge Silva Melo. Encenação: Jorge Silva Melo, assistido por João Miguel Rodrigues. Cenografia: Rita Lopes Alves e João Calvário. Assistência de cenografia: Sara Nunes. Figurinos: Rita Lopes Alves. Desenho de luzes: Pedro Domingos. Operação de som: Rui Dâmaso e António Venâncio. Interpretação: Américo Silva, Andreia Bento, António Filipe, António Simão, Carla Galvão, Daniel Martinho, Elsa Galvão, Gonçalo Waddington, Joana Bárcia, João Meireles, João Miguel Rodrigues, José Airosa, Pedro Carraça, Sylvie Rocha. Produção: Manuel João Águas. Produção executiva: Sandro Benrós. Co-produção: TNDM II / Artistas Unidos. Local e data de estreia: Teatro Nacional D. Maria II, 22 de Setembro de 2005.*

Fomos nós que os inventámos: animal entre os animais domésticos, não há cão que venha ao mundo ensinado a oferecer naturalmente a pata, para satisfação caprichosa do dono. Sabemos que por detrás de cada ordem cumprida se insinua uma força violentadora, ainda quando pelo caminho se constroem dependências afectivas e relações de grande proximidade. O recente texto de Letizia Russo dá conta do domínio sobre o Outro, do dispositivo de obrigações e de imposições do processo educativo, bem como dos espaltilhos sociais e relacionais dos desejos.

Galardoada com o prémio-revelação UBU de 2003, atribuído a *Tomba di cani (Túmulo de cães)*, Letizia Russo começou no ano de 2000 com o texto *Niente e nessuno (Nada e ninguém)*; desde então, a sua escrita vem tematizando o exercício dos pequenos (grandes) poderes, em universos saturados de indivíduos marginais, onde a sanidade e o equilíbrio não se encontram. Os seus textos exploraram as relações humanas, a mesquinhez das

hierarquiazinhas e as imposições da vontade miúda de cada um.

*Os animais domésticos* compõe-se de tudo isto, mas o espectáculo capta também, como uma fotografia *lomo*, a fúria latente e o nervosismo do "animal doméstico" que foi ensinado, ordenado e composto para viver em formato *standard*, de acordo com a lógica do domador. Não se trata aqui da figuração de um poder institucional, de relações rei-súbdito, ou sequer de impérios financeiros ou de ditaduras políticas. Os massacres emocionais e físicos acontecem nas micro-comunidades de cada um. Vemos uma mãe e um filho em palco, vemos putas e cegos nas ruas, cães e conversas tristes na paragem do autocarro, jogos fulminantes de sorte e de azar, além do desdém e da morte castigadora.

Estas personagens nasceram de Lisboa: a autora italiana escreveu este texto a convite dos Artistas Unidos, companhia que entre nós se vem distinguindo pelo facto

&gt;

*Os animais domésticos*,  
de Letizia Russo,  
enc. Jorge Silva Melo,  
Artistas Unidos, 2005  
(Gonçalo Waddington e  
José Airosa),  
fot. Jorge Gonçalves.

&gt;

*Os animais domésticos*,  
de Letizia Russo,  
enc. Jorge Silva Melo,  
Artistas Unidos, 2005  
(Américo Silva e  
João Meireles),  
fot. Jorge Gonçalves.

de juntar à actividade teatral também a investigação, a crítica e a tradução de dramaturgos estrangeiros, frequentemente editados em números especiais da revista *Artistas Unidos*. O número 11 (Julho de 2004) tratou justamente do teatro contemporâneo italiano, o qual mereceu nos anos 90 a atenção da crítica internacional, devido ao *boom* de dramaturgos emergentes. Nesta edição encontramos, entre outros, autores como Letizia Russo, Davide Enia ou Fausto Paravidino. A publicação dos Livrinhos de Teatro, em parceria com as Edições Cotovia, traduz um empenho generoso em ofertar ao público peças teatrais de novos autores. O texto de *Os animais domésticos* está impresso no número 10 desta colecção.

Patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian, o trabalho de investigação desenvolvido por Letizia na cidade de Lisboa revelou-se essencial para a constituição do arquivo de referências que atravessa o seu texto. A metrópole nacional é feita de muitas coisas e também de miséria nos cantos mais sujos. Miséria é, aliás, uma espécie de palavra-chave na nova dramaturgia italiana: a miséria social, económica e a miséria dentro de cada sujeito, manifestada em conflitos pessoais e inter-pessoais. Aqui se gera uma vontade perturbada de viver, ainda que "um só dia fora de minha cabeça", como insistentemente repete o Filho (Gonçalo Waddington), o idiota d' *Os animais domésticos*.

Os idiotas em palco lembram-nos mais Kusturica que Lars von Trier. A decadência e a miséria são entremeadas com humor duro, suscitando o riso nêrveo que advém do desequilíbrio das personagens, doentes da cabeça e tensamente empestados de si mesmos. Recordo os delírios da Mãe (José Airosa), que evoca um primo exótico e conta ao filho o desejo de voar, feita Tarzan em lianas; os desejos inquietos do seu filho, o qual quer tanto viver um dia fora de si que se sente preso na ignorância, sem saber sequer o nome das coisas. A mulher que este ama (Sylvie Rocha), ensina-lhe aos poucos as palavras e os caminhos do afecto, mas sonha em apanhar um comboio e partir. Pelo meio há cegos que não querem ver, cães com fome e gente com vontade de ganhar dinheiro com o que quer que seja: importa sobreviver.



As vontades absurdas destas personagens são conflitos escondidos que emanam insatisfação e frustração, porque os sonhos aqui são cacos partidos, sem concretização provável. Não é difícil encontrar nas ruas lisboetas, como nas ruas de Portugal, os mesmos idiotas a rir e a chorar por dentro. Em qualquer fila de espera poderíamos ouvir ladainhas complicadas, vindas de quem não pode fazer isto ou aquilo. A culpa é assim também expropriada do indivíduo, delegada então no desastre anónimo e de costas largas, sistematicamente recordado e acusado na praça pública.

A peça que Russo escreveu compõe-se de pequenas tragédias quotidianas, ordenadas em palavras cruas e banais. Quase sempre em diálogo, as personagens falam por tudo e por nada, cultivam o desejo inquieto, ao modo daquele querer estar onde não se está, em tempos convocado por António Variações. Prevalece o querer partir, a ambição pelo que está além fronteiras, o frenesim da cidade que passa na rua, lá ao fundo.

A mãe e o filho, personagens centrais, passam o tempo a ver navios. Literal e simultaneamente metafórica, esta expressão caracteriza o ambiente deste espectáculo: num ponto marginal da cidade, engavetada num aleatório beco, onde ao fundo parece passar uma rua mais central, surge-nos a educação idiota e letárgica de anos a fio a olhar a estrada. Os "barcos com rodas" (veículos estupidamente



<  
*Os animais domésticos*,  
 de Letizia Russo,  
 enc. Jorge Silva Melo,  
 Artistas Unidos, 2005  
 (Joana Bárcia  
 e Carla Galvão),  
 fot. Jorge Gonçalves.

confundidos com navios) são então um símbolo de passagem e de partida. Ali todos sonham saber como é lá fora, como seria deixar tudo para trás (e este tudo é quase nada, pois não parece haver passado nem futuro), como seria esquecer as dívidas, as vinganças e os amores, para se procurar um mundo novo, eventualmente admirável. Este é um espectáculo que faz da capital um lugar fragmentado e povoado por histórias decadentes, todos os dias mais negras, até ao fim.

O encenador tem com a cidade uma relação privilegiada. No meio urbano prolifera a diversidade humana, radicalizam-se as constricções materiais e o gueto explicita as suas fronteiras. Neste sentido, *Os animais domésticos* potencia um espectáculo pautado pelo ritmo da cidade, entre as horas de ponta, quando alguém se insurge contra o destino e resolve quebrar os tempos mortos. De igual modo, a música intervala e rompe o negrume existencialista dos diálogos, trazendo uma fugaz alegria idiota, logo transmutada em melancolia. Como a urbe, toda a trama é cadenciada pelo *tic-tac* da rotina de todos os dias: na encenação, o tempo marca-se ainda pela audição pontual do arrote de um homem que passa, algo como o relógio animal do espectáculo.

As conversas, as histórias e os atritos nascem e morrem nas periferias; é em espaços acanhados e medíocres que a jovem escritora italiana encontra um terreno fixo para se mover, criando um círculo espacial fechado, onde a

ação rareia, vigorando um texto apurado e de alta intensidade dramática.

Este *habitat* é feito de caixotes de papelão e colchões desmazelados, onde convivem conhecidos e desconhecidos. A cenografia assinada por Rita Lopes Alves e João Calvário é económica, como é habitual nas apresentações desta companhia. Renega-se a espectacularidade, a multiplicação de elementos cénicos e de adereços. Modera-se a divagação "visualista" e favorece-se uma percepção reflectida, com o texto em primeiro plano.

Jorge Silva Melo deseja um teatro capaz de fazer perguntas, e de fazer perguntas de forma insistente, em torno de um tema. As interrogações das personagens sucedem-se em diálogos, umas vezes filosóficas, outras vezes absurdas, entre o Eu e o Outro ou entre o Eu e o Eu. Os actores vestiram-se com a angústia e a raiva miudinha das personagens. Esta raiva eclode pontualmente em discussões mais furiosas e em pontapés fugazes a qualquer coisa no chão. São momentos que teriam porventura merecido uma energia mais determinada, uma vez que alicerçam a purgação trágica de emoções: são eles que justificam o correctivo imposto às personagens.

No final, a inércia parece domesticar os vivos. Com os olhos postos nos navios que passam, a morte vem punir o filho néscio; já cadáver, no chão, este é ainda condenado pela mãe, num discurso azedo de adeus.